

Saída para Ulysses: frente anti-Sílvio.

Sem conseguir qualquer resultado prático com seu pronunciamento de onze minutos na tevê e constatar, em seguida, que o "Dia Nacional do PMDB" em nada contribuiu para alterar seu fraco desempenho nas pesquisas, Ulysses Guimarães não teria outra alternativa a não ser concordar com o presidente de seu partido, Jarbas Vasconcelos, que propõe uma união dos candidatos de centro-esquerda para evitar o que classifica como "degradação do processo eleitoral" com a entrada de Sílvio Santos na disputa. "Mais uma vez a História coloca

os destinos do Brasil nas mãos de Ulysses Guimarães", ponderou ontem o governador Geraldo Mello, do Rio Grande do Norte. "Criaram o fenômeno Sílvio Santos à margem dos homens públicos mais responsáveis deste país, e Ulysses terá papel decisivo na reação".

O problema, porém, é encontrar alguém disposto a dizer isso a Ulysses. "Há motivos de sobra para o TSE impugnar essa candidatura (Sílvio Santos), que é anormal", imaginava Ulysses ontem. "União só no segundo turno." Os líderes do PMDB e alguns

governadores, contudo, insistem em dar a Ulysses o comando da missão já prevendo que qualquer reação favoreceria o candidato do PSDB, Mário Covas. No comitê de Covas, a proposta de Vasconcelos foi recebida como uma senha para a operação voto útil, embora o próprio candidato não veja como chegar a esse consenso. "Quem tomaria a frente desse acordo?", perguntava ele ontem. E se houver mesmo acordo, Covas só aceitaria uma aliança se o patrocinador for Ulysses. "Ele não fará acordos com parte do PMDB. Só com Ulysses", avisaram Haroldo Sabóia (PMDB-MA) e Jaime Santana (PSDB-MA), depois de uma longa conversa sobre a

aliança dos dois partidos no Maranhão.

De fato, Covas mesmo avisou à cúpula de sua campanha que o PSDB não vai carregar o ônus de tirar Ulysses da disputa: "Vamos esperar que ele tome uma posição a nosso favor, porque é natural". Essa movimentação em torno de Covas, porém, já está produzindo resultados. Em Goiás, os adesivos de Collor de Mello nos automóveis vêm sendo substituídos pelos de Covas. Foi uma reação que partiu da cúpula do PMDB no Estado, em sucessivas reuniões com os deputados federais no gabinete do ministro Íris Rezende, que não deixou o PMDB — apenas deu um sinal verde aos moderados goianos para que tomem a posição que julgarem mais conveniente.

No PT, a possibilidade de renúncia de Luís Inácio Lula da Silva para formar uma frente contra Sílvio Santos foi recebida com ironia. "Nossa candidatura é mais forte", disse o próprio Lula. "O povo sabe quem é Sílvio Santos, mas não sabe tudo", acrescentou, prometendo mostrar "de fato" quem é o candidato do PMB. Leonel Brizola, do PDT, também parece irredutível. Há três dias ele cancela seus compromissos para reavaliar a campanha e ouve sugestões para armar um esquema em que lideraria uma frente suprapartidária caso Sílvio e Collor se mantenham na liderança das pesquisas. De qualquer forma, a corrida recomeçou. O ex-prefeito de Campinas, Magalhães Teixeira, já coordena um ato público simultâneo em São Paulo e no Rio, onde os candidatos da esquerda, a partir de Aureliano, se uniriam contra a candidatura Sílvio.